

Sérgio Miceli Pessoa de Barros*

"1 — Não corra, não mate e não morra"; com essa recomendação abre-se o folheto *Lembrete aos corinthianos* distribuído aos integrantes da excursão São Paulo—Porto Alegre, cujo objetivo era o de assistir à partida final do Campeonato Nacional, entre o time paulista e o Internacional gaúcho.

A excursão fora preparada pelos dirigentes da torcida organizada Gaviões da Fiel, com o fim de incentivar os jogadores do *timão*, que iriam decidir, em campo adverso, a primeira colocação; e compunha-se de 25 ônibus — alugados ao preço global de Cr\$ 17.000,00 — havendo, em média, de 36 a 40 passageiros em cada veículo (cada torcedor pagou Cr\$ 160,00 pela passagem de ida e volta, além de um ingresso para o jogo).

O local de encontro, onde os ônibus estavam estacionados, era um terreno na Barra Funda, que dentro em breve deverá abrigar a sede social dos Gaviões da Fiel. A partida deu-se por volta das 9 h do sábado e, com as paradas para refeições, a chegada na capital gaúcha estava prevista para as primeiras horas da madrugada de domingo.

O ambiente era de completa euforia e otimismo; em todos era bastante viva a lembrança do retorno triunfal a São Paulo, após a vitória por pênaltis contra o Fluminense no estádio do Maracanã. Parecia viável a concretização de uma aspiração — o Corinthians sagrar-se campeão — que nos últimos 20 anos já se tornara motivo de chacota e desgosto. Eu havia sido contratado pelo *Jornal do Brasil* para escrever uma matéria a ser publicada na edição da segunda-feira seguinte, que daria a cobertura completa do jogo. Estava acompanhado por um repórter e um fotógrafo da sucursal desse jornal em São Paulo e, nessa qualidade de equipe a serviço do *Jornal do Brasil*, fomos incorporados à excursão; vale dizer, nosso *status* profissional era inequívoco e de todos conhecido.

À saída de São Paulo, o longo percurso pelo centro da cidade, Avenida 9 de Julho, Cidade Jardim, etc. constituía o primeiro tempo forte da excursão. Todos os ônibus buzonavam sem parar; foguetes lançados pelos torcedores, bandeiras, flâmulas, vivas, xingamentos, urras e confraternização com os populares que assistiam. Das ruas vinham acenos, berros, gritos de incentivo, saudações; era visível a alegria que se estampava na face da maioria. Aos poucos que se meteram a gritar o nome de outros times concorrentes — em especial, o Palmeiras era o que suscitava as reações mais enfáticas — o pessoal de dentro dos ônibus descarregava uma fieira de palavrões e impropérios. O som das buzinas dos carros misturava-se com o som dos instrumentos tocados pelos torcedores, e o barulho tornara-se ensurdecedor. O dia claro, de sol, concorria para o completo êxito do desfile.

* Professor do Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas

Uma vez na estrada, ocorreu a primeira rodada de batidas, bolachas e docinhos; mais tarde, galinha assada e muita farofa — o almoço transcorreu num amplo restaurante de beira de estrada, que servia em sis-

tema de rodízio, próximo à cidade de Registro. Após a passagem por Curitiba, onde se repetiram os mesmos lances do desfile acima descrito, houve uma parada numa lanchonete perto da cidade; quase na hora de partir, um grupo maciço de torcedores procedeu ao saque da lanchonete e, em poucos instantes, levaram para os ônibus caixas de sorvete, garrações de vinho e outras garrafas de bebida, o que motivou a interrupção da viagem para as buscas executadas pela polícia rodoviária.

Depois das negociações entre a liderança da torcida e os policiais, ao mesmo tempo em que muitos jogavam pelas janelas os artigos "abafados", a viagem recomeçou. A próxima parada, para jantar, foi num outro restaurante de estrada, em que somente um número muito restrito de torcedores teve condições de pagar. Outra rodada de bebidas, sobretudo cerveja; cantoria, batuque, piadas; muitos tentaram dormir; no fundo do ônibus, um grupo fazendo coro em canções cada vez mais tristes. Finalmente, lá pelas sete da manhã, chegada a Porto Alegre; os ônibus foram estacionando à direita, no início da estrada, aguardando a chegada dos demais, e, daí, deslocaram-se para o estádio Beira-Rio. (Todos desceram para a estrada empunhando bandeiras e berrando "Curíntia, Curíntia!!!")

Fiz esse relato sucinto pelo simples fato de que alguns dos incidentes que nele parecem compor tão-somente uma seqüência temporal, revelam, como veremos adiante, algumas das principais dimensões das práticas e representações dos torcedores coríntianos.

44

Dos 36 gaviões que estavam no ônibus, mais da metade tinha entre 25 e 40 anos, uns quatro rapazes com menos de 18 anos, e 10 mulheres. Balconistas, auxiliares de escritório, datilógrafas, zeladores, operários, e um contingente apreciável de motoristas de caminhão; vale dizer, os integrantes da torcida organizada ocupam as posições mais baixas do terciário urbano. Mas, por que haveria tantos motoristas de caminhão?

Numa passagem bastante conhecida de sua *Sociologia das religiões*, Max Weber procura caracterizar as grandes religiões universais, por meio dos grupos profissionais ou classes que desempenharam um papel determinante em sua propagação, buscando indicar o princípio do estilo próprio a cada uma das grandes mensagens originais: "Caso se queira caracterizar de modo sucinto os grupos sociais que foram os portadores e os propagadores das religiões universais, pode-se indicar: para o confucionismo, o burocrata ordenador do mundo; para o hinduísmo, o mágico ordenador do mundo; para o budismo, o monge mendigo errante pelo mundo; para o islamismo, o guerreiro conquistador do mundo; para o judaísmo, o comerciante que percorre o mundo; para o cristianismo, o camarada artesão itinerante." É bastante provável que a contribuição dos motoristas de caminhão esteja associada à dispersão da torcida coríntiana, ou melhor, à possibilidade de o Corinthians ter

rompido, em certa medida, as barreiras estaduais que até agora vinham enquadrando o futebol no esquema dominante de controle social.

Havia, também, grande número de mulatos e negros que, a exemplo dos demais, residiam quase todos na periferia da cidade. A média salarial não chegava a Cr\$ 1.600,00 mensais.

Fundada em 1969, a torcida Gaviões da Fiel não tem nada a ver com uma organização espontaneísta ou amorfa. Possui uma hierarquia interna, em cujo âmbito se misturam uma linha formal de comando — a diretoria eleita, os chefes de instrumentos, os responsáveis pelas excursões, pelos ônibus — e uma clivagem entre o grupo de antigos militantes e os recém-admitidos, exigindo-se dos aspirantes ao ingresso que cumpram um período de provas, no curso do qual devem manifestar a posse das disposições associadas à condição de sócio definitivo. Tal feito é assinalado pelo direito de uso da camisa dos Gaviões. Para os que infringem as normas de conduta, existem sanções que vão desde as advertências — as mais comuns — até os raríssimos casos de expulsão.

Quais as práticas que expressam o fazer e o sentir coríntianos? Costurar e pintar bandeiras; participar das excursões que acompanham o deslocamento do time pelo interior do Estado; interessar-se pelas ocorrências ligadas ao clube, inclusive pela luta política interna entre as facções, pelas competições de que o Corinthians participa e pela vida pessoal e profissional dos jogadores. Não se pense, contudo, que a sociabilidade entre os Gaviões gire exclusivamente em torno de um marco fixo de referência. Alternam conversas sobre os familiares, o trabalho, os patrões, com momentos em que fazem batuque, puxam samba, contam piadas cabeludas, trocam gozações — tudo isso regado com muita batida, cerveja, Drury's — o que tiver — bolachas, docinhos (olho-de-sogra), frango, farofa, sanduíches. Se, ao nível do comportamento efetivo, o relacionamento pauta-se por um padrão rigoroso de respeito, ao nível da verbalização, boa parte das brincadeiras carregam conotações ambíguas que, apreciadas segundo padrões externos ao grupo, seriam consideradas "pesadas". A temática central das gozações gira em torno da inversão de papéis sexuais e familiares, e de alusões a perversões. E, mesmo quando se põem a cantar, o destempero vocabular se manifesta por intermédio de versões fesceninas de canções populares, cada qual procurando contribuir com a variante mais escatológica da letra que conhece. De resto, o repertório inclui cantigas de ninar e de roda, estribilhos populares, sentenças musicadas, hinos do Corinthians, músicas de carnaval, pontos de macumba.

Pertencer à torcida organizada implica forçosamente tomar parte nas excursões — o tempo forte da prática coríntiana, na medida em que as viagens constituem os marcos centrais de uma história comum e, em torno delas, alinham suas experiências enquanto torcedores qualificados e conscientes de sua contribuição ao grupo. De outro lado, o fato de pertencer

à torcida não deixa de constituir uma forma de acumulação, isto é, uma estratégia visando alcançar um patrimônio de honorabilidade, de respeito; em suma, uma espécie de reserva moral que os distingue dos demais com a mesma condição social. O conteúdo desse patrimônio reside numa série de experiências comuns: bebedeiras, brigas, saques, derrotas e vitórias. Ademais, dispõem de seus próprios símbolos culturais: o cavalo de São Jorge, o charuto, o acordeom.

Nada disso impede uma tomada de consciência acerca de sua posição e condição na hierarquia social, do jogo político entre os cartolas e, sobretudo, dos eventuais e reais dividendos políticos que estão em condições de propiciar.

Fazem constantes referências ao processo de fragmentação da torcida corintiana, buscam explicações para o fato, e se dão conta da concorrência e dos móveis de luta nela implicados. Muito embora tendam a atribuir o surgimento de novas torcidas organizadas às dissensões havidas entre o pessoal da liderança ou aos traços de personalidade de um dado líder, tenho a impressão de que a segmentação da torcida corintiana obedece a uma lógica semelhante àquela que preside à gênese dos terreiros de macumba. Ou seja, uma nova torcida organizada vem, na verdade, institucionalizar as demandas de uma dada facção que, por sua vez, cristaliza suas representações divergentes a respeito do modelo ético de perfeição corintiana por meio de um líder, de um repertório distinto de sinais de identificação e de um novo espaço de atuação. De qualquer forma, é preciso que os novos líderes ostentem as qualidades e a carga de autoridade que somente o *status* de antigos torcedores militantes está em condições de assegurar.

O melhor indicador da consciência que têm de sua força, de seu poder de veto, de sua autonomia em relação à cúpula dirigente e ao próprio time — principal objeto de devoção — são as diversas ocasiões em que “castigaram” um mau desempenho em campo, aplaudindo o time contrário, recusando-se a empunhar as bandeiras, abandonando o estádio antes do término da partida.

O incidente do saque à lanchonete, nos arredores de Curitiba, evidencia alguns dos dilemas com que se defrontam os Gaviões, ou melhor, revela a maneira pela qual buscam preservar seus valores, sua identidade, mesmo quando se vêem instados a lidar com práticas que, aos olhos de estranhos, poderiam negá-los. Esse mesmo incidente constituiu a oportunidade decisiva de que se valeu a liderança para impor sua autoridade e assumir o trabalho de negociar com agentes do mundo externo. De início, as reações foram contraditórias: a liderança atribuiu a autoria aos desordeiros que de algum modo sempre acabam se infiltrando, queixando-se das dificuldades em controlar um contingente tão grande de pessoas e, sobretudo, insinuando que a iniciativa teria partido de gente que não pertencia à Gaviões. Outros integrantes da caravana lembraram incidentes do mesmo tipo em

ocasiões anteriores e, num grupo menor, o próprio diretor contou, na base da gozação, que certa vez um grupo tentou trazer uma geladeira para dentro do ônibus.

Assim, o episódio estaria encerrado, não fosse a chegada da polícia rodoviária para efetuar buscas de apreensão no interior dos ônibus e ameaçando interromper a viagem. Diante disso, a liderança passou a caracterizar o saque como um ato extemporâneo que feria os brios da torcida, enquanto inúmeros dos antigos militantes passaram a minimizar o ocorrido. Nesse ínterim, a polícia ordenou que todos os carros se alinhassem no acostamento da estrada — situação ideal, que permitiu aliviar pelas janelas boa parte da carga. Os líderes simularam broncas iradas contra uns poucos, os demais ficaram calados, não houve flagrante, a convivência foi total e a viagem recomeçou. Em face de uma ingerência externa, no caso a polícia rodoviária, passaram a “coletivizar” o roubo, ainda que para tanto fosse necessário dar provas de reconhecer a validade das acusações policiais. Bem o disse uma antiga torcedora, “tem uns e outros mais malandros que sabem fazer o negócio, sabe...”, reconhecendo assim o caráter do episódio e ao mesmo tempo cobrando a competência necessária para que esse tipo de prática não venha chocar-se com os padrões simbólicos de integração do grupo.

Em outras ocasiões, irrompem os mecanismos internos de solidariedade, como por exemplo na distribuição das bebidas e comidas e, sobretudo, nos tratagens de que se valeram no almoço. Os líderes da torcida postaram-se na única saída de uma imensa sala de refeições a fim de impedir que alguém pudesse deixar de pagar. Entretanto, ao longo das jardineiras que ladeavam a última fileira de mesas, os torcedores sem dinheiro se revezavam para receber comida de seus companheiros. Estes, por sua vez, converteram em “sobras” as rodadas sobressalentes que o sistema de rodízio permitia.

Agora, conviria contrapor essa descrição às imagens e representações que os meios de comunicação e inúmeros intelectuais possuem a respeito das práticas esportivas, das torcidas — em especial, do futebol — do Corinthians e dos corintianos. Estes últimos são definidos, geralmente, como um bando de “fanáticos”, uma massa “temível” e descontrolada, que estaria compensando no estádio as frustrações e carências de sua vida cotidiana. No meu entender, essa imagem resulta, em larga medida, da distância social que os grupos produtores de cultura, tanto ao nível dos *mass media* como ao nível da cultura erudita, mantêm em relação a quaisquer manifestações populares. Assim como os teóricos clássicos da direita temiam a “rebelião das massas” pois acreditavam que, dadas certas condições, elas poderiam ser acionadas politicamente enquanto instrumentos contra a ordem social vigente, hoje é moeda corrente uma imagem exatamente complementar. Vale dizer, costuma-se cobrar dos torcedores, mormente dos corintianos, a incapacidade que parecem ter de dirigir suas demandas para canais de articulação propriamente

políticos, e passam a qualificar seus investimentos simbólicos em termos de um dispêndio espúrio de energias e recursos. Alguns chegam ao ponto de afirmar que tal quadro se deve pura e simplesmente à manipulação do governo em benefício próprio. E o saldo é o que todos sabem: os torcedores seriam alienados, destituídos de uma consciência correta de seus interesses de longo prazo, com baixa resistência às frustrações, com lampejos de onipotência, querendo ganhar no jogo o que perdem na vida, recalcados, agressivos; e, por aí, seria possível qualificar os torcedores tal como fazem os meios de comunicação.

O lastro comum a todas essas imagens é a recusa em admitir manifestações culturais cuja lógica não obedeça aos princípios que regulam os padrões dominantes de consumo dos bens simbólicos, isto é, são imagens embebidas num intenso etnocentrismo de classe. Afinal, por que lançar suspeição sobre todas as práticas simbólicas que conseguem adesão de amplos setores sociais, como se os indicadores de dispersão ao nível do público consumidor e produtor constituíssem por si só a garantia de indignidade e infantilismo cultural e, por conseguinte, atestassem a presença de todos os ingredientes de que se servem os produtores eruditos para relegar às paragens da evasão, da alienação, da distração, todos os produtos simbólicos cuja produção e cuja demanda não provêm deles mesmos? Neste passe, esse tipo de imagem acaba invocando um modelo "psicologizante" de explicação dos processos sociais, segundo o qual toda e qualquer prática popular é tachada de "infantil", "paranóica", "doentia", "agressiva", etc. Existe, contudo, uma outra linha de interpretação, que consiste em reduzir todas as formas de ação, de sensibilidade, de expressão, dotadas de um quadro próprio de referências, de tradições, em suma, de uma memória, preservada pelas bases sociais que as produzem, a desvios da ação política. Embora a politização das análises culturais tenha constituído uma reação salutar ao economicismo que vinha permeando os modelos de explicação, conviria a essa altura juntar à análise a exigência de qualificar cada domínio das práticas de um grupo social.

Ao invés de se considerar as práticas suscitadas pelo futebol sob o rótulo genérico de "ópio do povo", como se não passassem de um instrumento de manipulação a serviço dos grupos dirigentes, ou então, em termos de engodo que desvirtua os interesses efetivos das classes populares, conviria a essa altura enfatizar a relação orgânica que essas mesmas classes populares mantêm com os domínios simbólicos em que conseguem fazer valer sua visão do mundo. Não é por acaso que os nomes dos jogadores profissionais expressam, de maneira rigorosamente condensada e elíptica, as formas populares de tratamento, como também não é à toa que todos os times acabam sendo instilados por conteúdos classistas, a tal ponto que qualquer torcedor dispõe do sistema de classificações através do qual funda sua adesão a um determinado time. A torcida organizada se envolve material e simbolicamente com o Corinthians porque desenvolve em torno desse centro comum de referência uma série de práticas sociais a respeito das quais todos dispõem de uma certa competência. Trata-se, em suma, de um capital de saber que consiste, por exemplo, em aferir as "qualidades" e "defeitos" de um jogador, em apreciar a criatividade e o acabamento de uma jogada, uma embaixada, um lençol, um drible, um bom passe, a marcação de uma falta, de um escanteio, etc. De outro lado, as práticas e valores que constituem a matéria viva da experiência da torcida organizada espelham o modelo de excelência social do grupo a que pertencem os torcedores que, por esta via, se convertem em portadores ideológicos do tipo de ética que melhor se harmoniza com sua posição social, como diria Weber. E, por último, é preciso não esquecer que o futebol cumpre sem dúvida um papel significativo para a memória que as classes populares preservam a respeito de sua própria trajetória social. Nesse sentido, entende-se por que a extensão das bases sociais de um determinado time — e o Corinthians é um caso exemplar — não guarda qualquer relação com o desempenho do time.

Enfim, o Corinthians tornou-se um produto social à imagem e semelhança de suas bases sociais. Ele é um time de classe e para ser corinthiano é preciso cada vez mais ter as disposições éticas e simbólicas para sê-lo. ■